

**Fernando Hugo**  
Médico e deputado estadual

# Um homem multifacetado: contrastes e surpresas de um político que ama a Medicina

Uma caricatura. Fernando Hugo da Silva Colares apresenta, à primeira vista, as características exageradas dos retratos humorísticos. O bigode protuberante, a barriga avantajada e aquela tradicional careca rodeada por fios de cabelo na lateral da cabeça fazem combinação perfeita com a fala alta, a maneira particular de apelidar alguns políticos e a linguagem rebuscada, lembrando livros velhos e empoeirados.

Mas o deputado estadual pelo PSDB é, aos 56 anos, sobretudo, um político. Isso é evidente na oratória, na postura firme, nas respostas bem elaboradas e no aguçado senso crítico. Mais que isso, ele tem a camaradagem dos políticos, aquela que permite a eles certa familiaridade com qualquer pessoa que os procure ou seja por eles procurada. Fernando Hugo ri, brinca, sente-se à vontade em cumprimentar pessoas que apenas imagina quem sejam. Essas habilidades são, ao mesmo tempo, causa e consequência das duas décadas de Assembleia Legislativa. Como base ideológica, o moralismo da direita brasileira.

Longe dos palanques e dos microfones, muitos moradores da Messejana conhecem um certo doutor Hugo, o médico que, há cerca de trinta anos, atende gratuitamente e distribui remédios em seu consultório. Assistencialismo? Talvez, sim. Mas que mal

há nisso? Naquele bairro, ele é conhecido além da política, das declarações polêmicas, do comportamento enérgico nas sessões da Assembleia. Lá, Fernando Hugo é o homem que vai à feira, conversa com os vizinhos, foi goleiro do time local.

Cada ser humano é um mundo. E, como todos os mundos, abriga vários ecossistemas, vários outros pequenos mundos, que guardam características próprias e formam, juntos, a essência daquele mundo maior. Fernando Hugo não é diferente. Nos mundos da Política, da Medicina, dos amigos, ele é um homem. Nada além, nada aquém. Apenas um humano, com todos os contrastes que cabem na palavra.

Para o grupo de entrevistadores, ele chegou com um sorriso típico de campanha eleitoral, postura ereta, voz de quem não se abala, de quem tem o controle da situação. Com o passar dos minutos, das perguntas e das respostas, outras expressões foram tomando conta do rosto do deputado. O dorso, agora, apoiava-se confortavelmente na cadeira, como quem quase deita, a lixeira vira apoio para o pé e o sorriso meio ensaiado transforma-se numa gargalhada solta. Aos poucos, o político enérgico vai dando espaço ao homem que conserva na mesa de trabalho livros, flores, fotos de família e uma imagem de Nossa Senhora.

**Equipe de Produção:**

Geimison Maia  
Janaina Bras  
Vinicius C.S. Mota

**Texto de abertura:**

Denise Ferreira

**Participação:**

Bruno Falcão  
Denise Ferreira  
Emília Moraes  
Geimison Maia  
Janaina Bras  
Mariana Lazari  
Narjara Rocha  
Vinicius C.S. Mota  
Yuri Leonardo

**Fotografia:**

Iana Soares



**Entrevista com Fernando Hugo da Silva Colares, dia 17 de novembro de 2009**

**Geimison** – Deputado Fernando Hugo, o senhor sempre declara seu amor à Messejana, e muitas de suas ações parlamentares foram e são voltadas ao bairro. A maior parte do seu eleitorado é de lá e tem mantido o senhor na Assembleia Legislativa há cinco mandatos. Hoje, cinquenta e três anos depois de ter ido morar lá, quem o senhor avalia ser mais importante: o senhor para Messejana, ou ela, Messejana, para o senhor?

**Fernando Hugo** – Eu tenho certeza que isso tudo é fruto de um consórcio de trocas, amabilidades, dificuldades, prazeres, questionamentos e interrogações. Mas, nessa troca, nesse ir e vir de tudo isso, eu tenho certeza que o ganhador grande é o Fernando Hugo da Silva Colares. Porque amo a Messejana feito uma paixão que não se acaba mais. Amor desse tipo mais parece uma passionalidade. Eu não me inquieto nem me entristeço de dizer por onde ando, seja aqui ou em qualquer cidade maior do Brasil, que sou de Messejana – a Vila Nova Real de Messejana das Américas. Assim criada na época em que o rei de Portugal decretou a sexta vila do Estado, que foi Messejana.

**Janaina** – Deputado, aos (seus) três anos de idade, a família do senhor foi à Messejana passar o feriado, a Semana da Pátria. E por ali permaneceu como residente. Nessa época, Messejana era uma entrada da cidade, era tanto um importante centro comercial quanto geograficamente posicionada em um lugar favorável. Então, foi uma questão de conveniência ir para lá?

**Fernando Hugo** – Foi uma viagem quase que festiva, um feriadão, esse termo que naquela época nem se usava, mas, naquele tempo, a Semana da Pátria era uma semana de comemorações, festividades, solenidades e feriado. Então nós fomos passar a Semana da Pátria lá e ficamos na casa que foi alugada primordialmente. Até porque, é bom frisar que, nesse período de tempo, ocorreu uma reviravolta socioeconômica na minha família. E os bens que se tinha foram perdidos, e foi se afastando mais e mais a amarra maior da vida de meu pai, Aurino, e mãe Odete, aqui, especificamente, em Fortaleza. Eu digo assim porque, àquele tempo, distrito de Fortaleza, Messejana já era, mas a gente tratava Fortaleza como se fosse somente a capital do Estado. Bem distante, bem longe de Messejana.

**Narjara** – O que motivou esse declínio financeiro da sua família?

**Fernando Hugo** – Acredito que a desadministração da empresinha de beneficiamento de cera de carnaúba, alguma coisa relacionada

com doença nas vacarias que o papai e o vovô Olavo tinham aqui em Fortaleza. Tendo em vista que, naquele tempo, todo o leite que abastecia Fortaleza, a grande cidade, era advindo de colheita manual em vacarias de distribuição, muitas vezes, em lombo de animal. Por aí, acredito que seja o caminho dessa decadência econômica da minha família.

**Janaina** – O senhor sabe o motivo que levou seus pais a ficarem lá? Foi a crise?

**Fernando Hugo** – É, mas não foi só por causa da crise, porque, mesmo assim, a minha família tinha, sem ostentação maior, veículo de transporte, o que era diferencial imenso nas décadas de 50 e 60. Em Fortaleza, você chegava a contar as famílias que tinham carro. Lá em casa tinha dois carros, caminhão, tudo. Foi o atrativo também da bucólica Messejana, da paz, da riqueza de um sítio que existia lá, onde nós moramos grande parte da minha vida. E era nesse casarão, exatamente atrás da Igreja Matriz de Messejana. Afora a imensa facilidade de meu avô e de minha mãe de fazerem amizades, o que rapidamente atraiu para dentro da nossa casa um conjunto de pessoas que qualificavam o nosso bem querer à Messejana.

**Vinicius** – Na sua meninice em Messejana, o que mais lhe influenciou na sua personalidade que perdura até hoje?

**Fernando Hugo** – O senso extremamente difícil de ser encontrado hoje em dia das palavras amigos e amizade. Mas foi a amizade que gestou esse meu amor à Messejana, não só na estrutura geofísica do local, mas principalmente nas amizades de infância que lá nasceram e eternizam-se em nós todos.

**Yuri** – Deputado, qual a lembrança mais marcante que o senhor tem dessa época da infância em Messejana?

**Fernando Hugo** – Lembranças marcantes são muitas, mas, em especial a falta de energia programada. Quando não existia ainda a energia vinda de (*Hidrelétrica*) Paulo Afonso. Tinha um sinal que piscava a energia naquele entorno da área central de Messejana, por volta de oito horas. E quando eram exatamente nove horas, a energia desaparecia. Era uma coisa que chamava atenção. E nós crianças, que sempre queríamos ficar mais, quando dava a hora do segundo pisco, você já estava no primeiro sono. Mas existem outras coisas. A participação de toda aquela imensa quantidade de crianças, meninos e meninas, principalmente meninos, no patamar da igreja à noite. Coisa de um bucolismo tremendo! Lá no patamar da igreja, afora se conversar

Tentamos entrevistar a senadora Marina Silva (PV). Quando ela veio ao Ceará, em setembro de 2009, embrenhamo-nos em um enorme tumulto, na Assembleia Legislativa, para falar com ela. Nem assim foi possível marcar a entrevista.

O nome de Fernando Hugo foi sugerido por Geimison Maia. A sugestão causou polêmica na turma. Alguns defenderam o nome do deputado. Outros rejeitaram. No fim foi aceito. Agora era preciso trabalhar duro na produção da entrevista.

Fernando Hugo acorda diariamente entre 4h e 4:30h. No quintal de casa, com dupla face de rua, atende no consultório, o qual está dentro da fundação por ele criada. Nela, são oferecidos serviços de consulta médica e encaminhamento de serviço social, além de consultoria jurídica. Há dias em que a fundação atende até 100 pessoas. Quando o momento é emergencial, medicamentos são ofertados para a população. Clínica das 5 às 9h.

abundantemente sobre tudo, se participava de todo tipo de brincadeira infantil: bandeirantes, pega-pega, corre-corre, e, quando se podia e se tinha tempo, um joguinho de futebol de bola de meia, porque era raro ter bola de couro lá.

**Geimison** – E as brincadeiras na lagoa?

**Fernando Hugo** – Eram mais no período de férias. Porque nós íamos e se jogava habitualmente futebol na beira da lagoa, e se fazia aquele banho gostoso em água límpida, pura e cristalina, desprovida completamente da poluição fecal que hoje existe naquele espelho d'água maravilhoso que banhou Iracema.

**Emília** – Foi nesse convívio nos arredores da igreja, nas conversas, que o senhor teve os primeiros contatos com política?

**Fernando Hugo** – No final de década de 50, (*começo*) de 60, a figura mais esplendorosa da política de Messejana era o vereador (*falecido*) José Barros de Alencar. Vereador por sete ou oito mandatos consecutivos em Fortaleza, seis vezes presidente da Câmara Municipal de Fortaleza, era morador da nossa grande Messejana – nasceu ali no Ancuri. Afora ele, na década de 60, apareceu o Raimundo Edimilson Ximenes, que foi eleito deputado estadual e era morador de Messejana, mais especificamente da Lagoa Redonda. Era um político vibrante, dinâmico, forte no falar, agressivo. E eles dois me influenciaram bastante. No evoluir do tempo, na década de 70, também tivemos contato com o deputado estadual, que foi presidente da Assembleia, Paulo Benevides (*já falecido*), que era oriundo de Mombaça (*município do Sertão Central cearense, a 296 quilômetros de Fortaleza*), mas morava em Messejana. Era empresário de sucesso e foi, duas vezes, deputado estadual. Homem de prestígio junto ao governador Plácido Castelo (*foi governador entre 1966-1970*), tanto que foi presidente da Assembleia Legislativa. São as três figuras políticas exponenciais. É bom frisar que, na infância e adolescência, àquela época, não era costumeiro você ter contatos fáceis, como você tem hoje em dia, com os vereadores e deputados. E eles eram pessoas que andavam, iam à feira, assistiam missa junto conosco, frequentavam o cinema. Tinham uma vida social extremamente centrada na Messejana.

**Vinícius** – O senhor citou a casa que ficava por trás da Igreja Matriz. O senhor costuma se referir a essa casa como um coração de mãe. Por que o senhor se refere dessa forma e em que esses hábitos influenciaram a formação do homem público Fernando Hugo?

**Fernando Hugo** – Veja bem. Chegar com três anos de idade, na inquietação travessa e traquinóide da infância. Sair de uma casa boa, luxuosa, mas centrada ali na rua Senador Pompeu, próximo ao Frotão (*Hospital José Frota*) de hoje. E encontrar um espaço de um quarteirão inteiro, com um casarão imenso, embora de estrutura arquitetônica velha, altamente confortável para todos os anseios, peraltices e correrias de uma criança, era verdadeiramente um sonho. Afora isso, esse sítio era provido de árvores frutíferas do tipo: sapotizeiros, mangueiras, sirigueliros, coqueiros. Todo e qualquer tipo de criança

encantava-se com aquela fartura. Cajueiros às pampas! Isso tudo nos fazia um contato de intimidade que não tínhamos aqui e lá era exuberante. Foi por isso que aquela casa, no período de férias, consolidava uma festa para todas as crianças dali. Era futebol de manhã, futebol de tarde, brincadeiras de noite. Nós fazíamos daquela vivência infantil uma espera constante de que as férias chegassem, ou de que aparecesse um feriadão. Principalmente a Semana Santa e a Semana da Pátria. Era comum, quando começava o ano letivo, nós pegarmos o calendário para localizar essas festas.

**Mariana** – O senhor cresceu e ainda mora na Messejana. Como foi essa mudança na Messejana daquela época para a de hoje? A sua visão de morador.

**Fernando Hugo** – A Messejana de minha infância, infância mais pueril que se possa imaginar, era restrita praticamente à área da Praça Central da Matriz e o entorno acalçamentado de mais ou menos seis quarteirões quadrados. Transporte lá, na praça, tinha um Jipe e, a partir da década de 60, uma caminhonete Rural *Willlys*. Passava o ônibus de hora em hora. Isso tudo fixa-se na nossa mente e, ao ser interpelado pela sua pergunta, eu viajo e vejo esse filme todo, de uma forma gostosa. É um bucolismo que vem. A paz, a tranquilidade. A soberania maior de se sentar nas calçadas e juntas duas, três, quatro famílias e conversar à noite. Isso é uma infância que fica. É a professora que sai do colégio e passa e diz para tua mãe, teu pai: "Olha, ele precisa estudar mais Aritmética" (*voz alta como se falasse do outro lado do portão*).

Na evolução do tempo, o crescimento de Messejana, marcadamente a se comparar com hoje, 50 anos após, é indescritível! A população imensa: condomínios, apartamentos, casas incontáveis, cerco favelar no entorno da grande área de Messejana. Intranquilidade, insegurança, falta de assistência primária para tudo e para todos, isso hoje em dia é terrível. Mas hoje eu sou um homem criado com todas as benesses da Messejana, com todos os bem estares que a Messejana propiciou, e essas dores que existem hoje eu responsabilizo-me para tentar curar. Como médico, na individualidade de cada paciente. Como homem público, até onde eu possa fazer.

**Geimison** – O senhor acha que Messejana sempre foi um bairro com ares de interior? Tanto anteriormente como hoje mesmo?

**Fernando Hugo** – Não, hoje não. Hoje você, estando em Messejana, imagina-se no (*bairro*) Montese, imagina-se em uma área da (*avenida*) Bezerra de Meneses. Trânsito agitado, toda essa urbanização doentia dos grandes centros, Messejana tem, e, se você quiser, eu ainda mando um bocado para sua casa!

**Vinícius** – Além desses aspectos de bucolismo, das amizades que perduram até hoje, eu acredito que Messejana também esteja muito vinculada à figura de seus pais, seu Aurino e dona Odete. Como e com que frequência o senhor se lembra da figura dos seus pais e que imagem o senhor guarda mais deles.

Popularizado pelo trabalho médico, foi eleito deputado estadual em 1990. Cumpre atualmente o quinto mandato consecutivo, com votações seguidamente mais expressivas.

**Fernando Hugo** – A figura do papai Aurino e da mamãe Odete, no consórcio educativo que tive no Colégio Cearense e nas professoras, me fizeram o homem que eu sou. Tenho certeza, não sou o pior dos filhos de Deus nem o mais satanizado dos filhos do Diabo. Procuro pôr em ação tudo de bom que eles me ensinaram. Isso aí é muita coisa. Minha mãe era uma figura muito católica e falava bem mais do que eu – vocês imaginam logo como era essa logorreia da Odete. Ela fazia amizade ao passar, distribuindo uma simpatia e sendo uma pessoa de humanismo nos atos e de caridade na alma que fez com que rapidamente, por meio da Igreja Católica, ela fosse presidente da Legião de Maria e assistenciasse as obras de religiosidade, sempre na *vislumbração* de fazer o bem sem olhar a quem. Papai era muito sisudo, muito trancado, mas ele quedava-se a essa intempestividade comportamental que a mamãe tinha de atrair as pessoas. E ele ia nesse bolsão. Por isso eles sempre se sentiram bem em Messejana. Depois, com o passar dos tempos, nós, filhos crescidos, o Olavo, meu irmão, já professor, e eu já médico formado, nunca quiseram nem pensaram sequer em sair da Messejana.

**Janaina** – O senhor a partir da quinta série passou a estudar no Colégio Cearense. Como era naquela época sair da Messejana para vir para o Centro da cidade?

**Fernando Hugo** – Era uma viagem! Quando nós chegávamos, os alunos que moravam em Fortaleza diziam: “Vixe, chegou a moçada da Messejana!”. Como se fosse assim outro mundo. Uma verdadeira viagem. E, na realidade, essas dificuldades eram grandes, porque a linha de ônibus era marcada por horários, não era nesse vai e vem de hoje, a área servida por dezenas de ônibus. Era o ônibus de Messejana a Fortaleza, e esse ir e vir era sequenciado e acompanhado, por horário.

**Narjara** – Falando um pouco da adolescência. O senhor é famoso por discursos acalorados e por um temperamento, aparentemente, forte. O Fernando Hugo adolescente tinha problemas com isso?

**Fernando Hugo** – Não. Eu sempre era um pouco irrequieto no colégio, tanto na escola de Messejana, onde fiz as primeiras incursões de aprendizado no antigo primário, como no Colégio Cearense. Eu era tido como um aluno danado, na concepção das professoras, mas talvez isso seja interpretação errada daquelas que já estão com Deus, né? (*risos*). Sempre fui um

pouco falante. Eu era orador de turma e habitualmente tinha uma certa facilidade de escrever. Isso me fez sempre ser visto dessa forma diferenciadamente boa para mim. Porém nunca tive truculência comportamental. É interessante que esse comportamento de plenário, onde eu esbravejo, me dou de corpo e alma a externar o meu pensamento, o meu questionar, às vezes, quem não me conhece pensa que eu sou assim uma figura bronca, tosca, rude, grosseira, abrutalhada e ignorante. Eu torço que você não pense isso! (*rindo e olhando para a Narjara*).

**Bruno** – Deputado, estou vendo ali uma imagem de uma santa. Então, me abriu a curiosidade para saber como é a religiosidade na sua família?

**Fernando Hugo** – Muito grande. Católicos. Bruno, minha família tinha uma vivência com o Catolicismo enorme. Isso por parte de minha família mais intimamente ligada: vovó Orcina, vovô Olavo, mamãe Odete e papai Aurino. Mas a família do papai, que morava em Fortaleza, esses eram religiosamente (*pronuncia sílaba por sílaba*) exagerados! Eu diria assim. Quando eu vinha passar um dia, dois ou três, uma semana na casa das tias, rezava o terço todo dia, comungava semanalmente, com assistência de missa em toda aquela orquestração quase fanática que os católicos tinham àquele tempo. Essa religiosidade ficou bem presente no meu evoluir porque no Colégio Cearense os irmãos maristas tratavam a educação em parceria com a visão divina de que educar é um ato de amor. E isso era muito importante para nós. A figura da mãe de Jesus, a Virgem Maria, é para mim uma figu-

“No plenário, eu me entusiasmo. Não entendo como se é político parlamentar e não se bota amor na fala, não se defende um ponto de vista com vibração”



Entramos em contato com a chefe do gabinete de Fernando Hugo, Valéria Cavalcante. Ela foi bastante atenciosa e disse que conversaria com o deputado a respeito da entrevista. Poucos dias depois a pré-entrevista foi marcada.

Fernando Hugo recebe os três estudantes da equipe de produção em seu gabinete, na Assembleia Legislativa. A equipe estava receosa de que o deputado não teria muito tempo para conversar na pré-entrevista. Na verdade, foram 2h30 de conversa.

Na pré-entrevista, uma *avant-première* da personalidade de Fernando Hugo: do nada, ele começou a consultar um dos entrevistadores, Vinícius Mota. Motivo: excesso de reservas lipídicas do repórter. A consulta informal só deu lugar à pré-entrevista graças à intervenção contundente de Janaína Bras.

ra muito importante. Como uma (*pausa*) pessoa que entrou na minha alma, como uma imagem que se criou no meu espírito, feita pela visão dos irmãos maristas: de que Maria era tudo, de que por ela fazia-se a intercessão do pleito, do pedido, do choro, do ai, do ui, da dor na terra, para que se obtivesse de Deus tudo o que há de curar. É óbvio que hoje eu tenho uma imagem diferente. A imagem é a imagem, pura e simplesmente a imagem. Mas fica, e eu gosto de respeitar.

**Geimison** – Quando o senhor passou a estudar em Fortaleza, no Centro, aquele pré-adolescente Fernando Hugo começou a experimentar uma maior liberdade, saindo das barras da família?

**Fernando Hugo** – Foi um choque muito grande. Você imagina você sair de um colégio onde existiam quinze, vinte alunos numa sala de aula e passar a frequentar o Colégio Marista, na Capital, com salas de aula de 40, 50 alunos. Isso para mim era um tormento, eu me sentia completamente irrequieto com aquela multidão. Afora isso, o choque de falar, a forma de se ensinar. Sem aquela assistência quase que maternal da professora que te conhecia, que sabia onde você morava, que você encontrava-se com ela na igreja, no mercado, na feira e que criava uma vinculação, pelo menos visual, de respeito e de admiração. Foi um choque grande. E o choque maior foi o ato-fato de que nós convivíamos, nas salas de aula do Colégio Cearense, com mais de uma professora. Vixe, isso me inquietava demais! Quando terminava uma aula de Geografia, que entrava a professora de Matemática, que não era a dona Iolanda, a dona Telina, a dona Maria do Carmo, a dona Augusta, eu achava um negócio do outro mundo. “Como é que pode? Sai uma e entra outra na mesma evolução do curso”. Mas deu para superar.

**Emília** – Deputado, foi a sua loquacidade que já nessa época lhe destacou dentro do grupo que veio de Messejana? Em que ocasiões, na escola, o senhor era convidado a discursar, a falar?

**Fernando Hugo** – Aniversários, eventos festivos, comemorações, datas da escola ou datas da civilidade brasileira. É bom frisar que, na forma de educar do Colégio Marista, nós tínhamos, nas aulas de Português, em várias ocasiões, professores que abriam até o espaço para você cantar. Isso, cedo, foi importante para que eu desinibisse-me frente a falar pra turma e pra apresentar-me na frente de todos. Mas essa



Fernando Hugo se emociona quando fala sobre a dolantina. Na pré-entrevista, o deputado, hoje uma figura rubra e robusta, revelou ter chegado a pesar quase 50 quilos, no auge da drogadição, quando quase morreu.

forma de falar, até hoje eu não entendo como é que ela veio. Acho que eu lia um pouquinho e essa leitura fixou-se em mim de forma a que vocês possam dizer que eu tenho essa logorria que mostro ter nas minhas apresentações do plenário ou da vida comum.

**Janaína** – Na época da escola, o que o senhor lia?

**Fernando Hugo** – Todos esses livros de educação infantil. Afora, no Colégio Cearense, onde havia uma indução ao estudo de Literatura do romantismo brasileiro e da idade moderna. Livros que me fixam bastante: em especial, a minha bíblia descritiva, pelo Graciliano Ramos, é *Vidas Secas*. E, no ato de fazer com que se tenha uma escrita de qualidade diferenciada, é José de Alencar com *Iracema* ou qualquer outro livro.

**Vinícius** – Deputado, como a cidade de Fortaleza se apresentava para o senhor? Como é que o senhor via Fortaleza naquela época?

**Fernando Hugo** – Como uma cidade grande. Com medo de carro, que já tinha bem mais do que se pode imaginar lá na bucólica Messejana. Era descer na Avenida Visconde do Rio Branco, atravessar a avenida com muito cuidado, com medo de ser atropelado, e já entrar no colégio. Sair do Colégio Cearense, atravessar a (*avenida*) Duque de Caxias e ir até o ponto de ônibus de Messejana, que ficava ali na Visconde do Rio Branco, ao lado do Parque da Criança. E aquilo tudo era gigantesco. A visão que eu tinha do Parque da Criança era que era um bosque infinitamente grande. Aquele laguinho lá no centro era uma verdadeira Amazônia d'água! (*risos*). Exatamente porque chocava-nos a imensa diferença de Fortaleza-Centro e de Messejana.

**Mariana** – O senhor está se referindo todo o tempo a “nós”, não é? Eu imagino que seja o senhor e os seus irmãos. Como era essa relação com seus irmãos?

**Fernando Hugo** – Éramos três irmãos. O mais velho, o Francisco Olavo da Silva Colares, que é o professor Olavo Colares. O mais novo (*Luís Roberto*) faleceu em 1975. É extremamente interessante lembrar-se disso. Três comportamentos diferentes, três formas de pensar bem diferentes. Mas na espiritualidade de tudo o que era brincar, de tudo o que era viver dentro da gestão familiar, obedecendo às normas, nós éramos muito ligados, muito íntimos até. Isso foi muito importante, porque, hoje em dia, tanto eu como o Olavo passamos isso que recebemos de nossos pais para nossos filhos. Ele tem dois filhos, eu tenho três, e eu sinto que isso é jogado, principalmente pela educação que eu recebi, para eles. É uma coisa que meus pais nos dotaram, que verdadeiramente não se aprende na escola, nem se abocanha na faculdade. É um aprendizado do dia-a-dia o bem viver, o respeito ao direito do outro. Isso foi benéfico demais para o modo alegre, festivo, irmão, competitivo que tivemos até 1975, quando em um acidente de carro meu irmão faleceu.

**Geimison** – E a decisão do senhor de escolher a Medicina como curso superior, isso veio de uma vocação que o senhor foi descobrindo ao longo do tempo, ou teve alguma pressão fa-

miliar nessa escolha?

**Fernando Hugo** – Veja bem uma coisa. O ‘quente’ da época já era Medicina. Quente que eu digo era de competição: Medicina, Arquitetura, Engenharia e Agronomia. E tinha, àquela ocasião, um famoso concurso do Banco do Nordeste, que era feito pra técnicos de desenvolvimento econômico, os TDEs do Banco do Nordeste, que era um verdadeiro vestibular. Os grandes economistas por aí, todos passaram por esse concurso do Banco do Nordeste. E era uma coisa que diziam muito que eu fizesse, mas a minha total forma de ver a Aritmética e Matemática como dois bichos dragonescos, armados de sangue e fogo, me afastou completamente dessa ideia. Então, quando eu estava no evoluir do cursinho, que era o equivalente ao terceiro ano científico daquela época, eu dediquei-me de corpo e alma e vi que adorava Biologia, que gostava de Química Orgânica, embora da outra química (*Físico-Química*) que tinha muito número pelo meio não era a minha praia. E isso induziu a que eu sempre fosse um estudante de cursinho pensante em um dia botar um jaleco de médico.

**Geimison** – A doença da sua avó também influenciou? Ela teve um AVC (*Acidente Vascular Cerebral*) e o senhor cuidava muito dela.

**Fernando Hugo** – A vovó morreu, se não me falhe a memória, em 28 de janeiro de 1970. E eu tive com ela uma dedicação e uma intimidade de tratar, que me fez com que o lado sentimental da Medicina, o lado extremamente d’alma da Medicina, me despertasse, me fizesse pensar mais e mais. Por isso, quando todos diziam que eu fizesse o TDE do Banco do Nordeste, fosse economista, na minha alma o reinado da Aritmética era zero. E o amor que eu já tinha, talvez bem no fundo do cérebro, onde há aquela área obscura de percepção que ninguém enxerga, à Medicina tivesse nascido nesse quadriênio (1966 a 1970) de sofrimento da vovó Orcina, que eu assistencieei-a como neto e como enfermeiro, vamos dizer assim.

**Vinicius** – E como é que foi esse período da faculdade? O senhor teve de conciliar estudo e trabalho.

**Fernando Hugo** – Já na época do cursinho, em 71, eu já dava aulas. Aliás, cedo, pra minha manutenção pessoal, eu dava aulas particulares. Em 71, eu gerenciava um núcleo de atividades do Movimento Brasileiro de Alfabetização, o Mobral, e disso, tirava o sustento pra ir e vir, pra guardar o dinheirinho do final de semana. Depois, na faculdade, com as dificuldades enormes, eu dava aula pela manhã cedo e, muitas vezes, à noite. Muitas foram as semanas (*enfati-za*) que de segunda até sábado, contando com noites de virada de estudo, que eu não dormi mais do que dez, doze horas, e descontava no sábado à noite e no domingo. Sem deixar de ir às minhas festinhas pra não deixar de participar da vida social das curriolas da época.

**Narjara** – Foi nessa época que o senhor perdeu o seu irmão?

**Fernando Hugo** – Dia 30 de junho de 1975. Ele estava servindo à Aeronáutica. Ele tinha um desejo imenso de ser piloto, e foi a uma missão

---

## “A clínica vivia mais cheia do que o Castelão em dia de Ceará × Fortaleza, mas o meu bolso vivia mais vazio do que o açude do Orós na seca de 58”

---

aqui na Parnaíba (PI), e lá houve um acidente de automóvel, de automóvel não, de um jipão daqueles da Aeronáutica, e ele faleceu.

**Narjara** – Que impacto isso teve na sua personalidade, na sua vida?

**Fernando Hugo** – Foi enorme! Um impacto grande porque eu tive que ser, de repente, um verdadeiro pai da mamãe, pela imensa (*enfati-za*) dedicação que ela tinha a nós todos, e ele era o pirralho menor, era o mais jovem dos três. E a sisudez do papai embotou-se numa tristeza, que eu passei a ser até um misto de psicólogo, de conselheiro, de tudo. Afora os afazeres da faculdade, afora minha atividade laborativa como professor. E o meu irmão que ficou era o Olavo, que era extremamente (*soletra as sílabas*) calado no que diz respeito à partilha do sofrimento, que nele foi tão grande quanto em nós.

**Vinicius** – Deputado, o senhor não esconde de ninguém que foi dependente químico de dolantina. Como isso começou e quantos anos durou?

**Fernando Hugo** – Eu estava no Hospital do Exército, em 1978. E, a partir dali, numa cirurgia que fui efetuar na mandíbula, para extração de um dente incisivo, eu fui aconselhado pelo colega cirurgião-odontológico a tomar uma ampola de dolantina, que é um derivado opiáceo, entorpecente, analgésico de alta potência, direi assim pra vocês entenderem. E, a partir daí, gerou-se uma dependência imensa, enorme, que me fez viciado, drogadito, da dolantina, e infortunou minha vida e desafortunou a de meus amigos e familiares durante muito tempo. Interessante que hoje eu falei nisso aqui (*na Assembleia*), e eu expus no plenário mais uma vez, de novo, novamente, essa situação que precisa ser tratada com carinho, amor, afeto e compreensão, coisa que os governos brasileiros não estão tendo.

**Emília** – O que a Dolantina fazia com o senhor, o que ela despertava, alterava no senhor?

**Fernando Hugo** – Tudo o que é diferente de eu aplicar uma injeção de dolantina em você. Porque esses estudos, hoje em dia, mostram que as reações de entorpecentes, psicotrópicos e todos esses derivados de canábis, de cocaína, são individuais. Você pode pegar um

Observando a vermelhidão da pele de Fernando Hugo, ainda na pré-entrevista, a intrépida repórter Janaina Bras não resistiu: “Deputado, o senhor come muita cenoura?”. Ele disse que não, mas estava vermelho e rindo.

Agora, era preciso ir ao encontro de pessoas que conviveram com Fernando Hugo. Os escolhidos foram o irmão, Olavo Colares, e o amigo de infância Paulo Afonso.



Marcar a entrevista com o irmão de Fernando Hugo não foi das tarefas mais fáceis, pois o professor Olavo Colares não usa celular. O primeiro contato foi através da esposa dele.

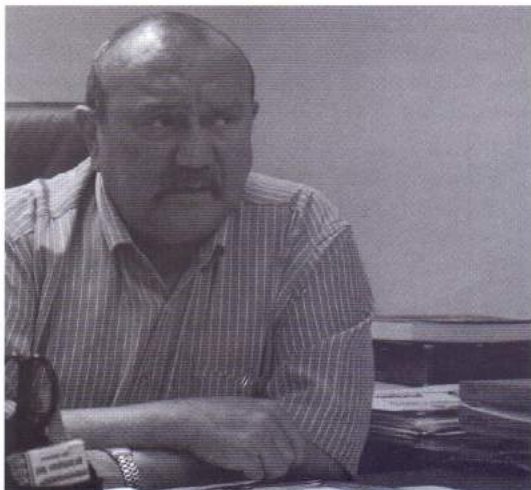
cigarro de maconha, fumar e dizer: "Isto é uma porqueira, isto não serve de nada, sujou minha roupa e estou fedendo". E pode outra pessoa, o Bruno de repente, dizer: "Isso aqui é um paraíso". Uma injeção de dolantina, aplicada no músculo de qualquer pessoa, gera num período de dois, três minutos, aproximadamente, uma hipnose, uma tranquilidade, uma analgesia, uma paz interior, que habitualmente acompanha-se de sono. Eu não, eu ficava moderadamente excitado, com uma logorreia imensa. Evidentemente, era uma anomalia comportamental, que propiciou esse hábito de dependência tudo de tempo que eu perdi com esse malfazejo ato de ser um drogadito.

**Narjara** – Esse problema do vício em dolantina atrapalhou de alguma forma a sua carreira?

**Fernando Hugo** – Custou-me, eu quero crer, oito anos da minha vida. Você já imaginou, eu que era médico iniciante na carreira, profissional com uma grande busca de pessoas admirando o meu discernimento de médico-clínico. É um tempo perdido, o plantão, (*eu*) deixava de ir; o consultório (*eu*) deixava de fazer, deixando dezenas de pessoas a esperar. Isso é um buraco negro na minha vida, mas não me abalou. Pelo contrário, em ressurgindo das cinzas – que eu já diria estar morto, pesando 53 quilos, sem querer muita conversa com ninguém, só vivendo para a droga... E a droga egocentrista tudo que é de ação, seja no preto, no branco, no pobre, no rico, no crente, no ateu. Eu sou um vitorioso e isso me jubila, me leva pra cima. Saio por aí, converso bastante, dou palestras. E estou apto, alegre e satisfeito por estar vivo e por não ter, pela dependência, matado alguém, coisa corriqueira na drogadição.

**Mariana** – Houve algum tipo de tratamento? Como o senhor conseguiu sair desse processo?

**Fernando Hugo** – É uma novela. Estive internado em instituições, estive internado na Clínica Maxwell, lá em Atibaia (SP), que é o maior centro de ressocialização e recuperação de drogaditos. Gerou um desajuste familiar enorme. Minha mulher, por orientação de psiquiatras e psicólogos, saiu de casa, pra ver se isso traria um trauma que me fizesse raciocinar de novo. Eu fiquei só. Fui morar, a chamado de meu pai e minha mãe, com eles. Uma novela grande,



Depois, Vinícius Mota teve que usar algumas estratégias pouco ortodoxas. Ligou para o colégio onde Olavo trabalha, na hora do intervalo, e pediu para falar com ele. A pré-entrevista com o professor foi marcada.

que posta-se a termo, quando numa madrugada desafortunada, eu já de noites e noites viradas tomando injeção, prometi a minha mãe e meu pai que não iria tomar (*dolantina*), até porque nessa noite a mamãe teve um sonho alucinativo de que eu estava sendo preso. Isso mexeu, sei lá, com o resto de alma que eu ainda tinha a respirar e eu consegui renascer. Eu nasci duas vezes, diferente de você.

**Vinícius** – Conversando com o Olavo, ele disse que a família atribui a sua cura a um milagre. O senhor acredita em milagres, ou que a sua cura foi um milagre?

**Fernando Hugo** – Na forma vernáculo-vocabular da palavra milagre eu acredito (*risos*). O milagre é uma coisa inusitada, que acontece com o dedo de alguma entidade celestial ou metafísica, surreal. Foi um milagre. Porque deu-se, inclusive, num instante em que, eu já acho que todos não acreditavam mais (*na recuperação*). E eu nem tinha a mínima vontade mais de viver frente aqueles picos de depressão que o drogadito tem. Teria sido um milagre. Se foi, obrigado, Senhor.

**Denise** – Deputado, e a partir dessa sua experiência com a dolantina, como é que o senhor avalia os tratamentos que são feitos hoje para as pessoas com dependência química?

**Fernando Hugo** – Nas instituições privadas e/ou ONGs (*organizações não governamentais*), cujas mensalidades variam de dois até cinco mil reais – limitando por demais o acesso de pobres e da classe média baixa –, o serviço é feito, quase sempre, com boa qualidade. Psicólogos, assistentes sociais, psiquiatras, médicos clínicos, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais compõem um cordão que faz com que o drogadito, que quer se recuperar, possa ter chance de sair dessa doença, contra a qual não existe nenhum medicamento (*baixando o tom de voz*). Você está com pneumonia, toma antibiótico, fica boa. Não existe uma medicação específica para lhe curar da drogadição. O remédio mais forte nessa recuperação é o amor familiar, o amparo, o carinho, o afeto dessas instituições. Na vida pública, os serviços no Brasil inexistem. No Plenário, já apresentei um projeto de indicação, rogando, suplicantemente, ao governador do Estado do Ceará, Cid Gomes, que faça seis núcleos de ressocialização no Estado do Ceará (*para*) o jovem, o adulto, ou o velhinho (*ênfase*). Porque a droga, ela não tem idade preferencial. A droga é democrática, muito mais do que qualquer conceito que se possa ler. Ela dá no preto, no branco, no amarelo, no rico, no pobre, no crente, no ateu, no doutor, no analfabeto, no PHD e no que nunca viu uma letra. Infelizmente, do jeito que está, o futuro do Brasil é caótico. O Estado do Ceará não tem um centro que tenha leitos destinados a isso. O Hospital de Saúde Mental de Messejana tem lá 15 leitos pra desintoxicação. Dez, quinze, vinte dias, o paciente é tirado do hospital, volta muitas vezes pro seio familiar, onde existem múltiplas opções de retorno pra drogadição.

**Yuri** – Como esse problema influenciou o tratamento do senhor com seus pacientes?

**Fernando Hugo** – Veja bem uma coisa. Habitualmente, com raríssimas exceções, quando estava na dependência maior, eu não ia trabalhar no consultório, trabalhar em serviço público, fosse no IPEC (*Instituto de Previdência do Estado do Ceará*) ou na Secretaria de Saúde. E era um médico bastante procurado, sem querer lantejoular-me. Não ia ao plantão, porque você dessocializa-se. No uso da droga, você perde, por bloqueio do superego, aquelas primárias e primordiais noções de respeitabilidade, de educabilidade, de amor ao que faz e faz bem feito. Você pode até num ato médico que fosse, fazer malfeito e prejudicar alguém. Então eu não ia. Por isso, eu passei grande parte desse tempo longe de atividades médicas, fechava o consultório, sem ir a plantão, de licença, em tratamento continuado, com a orientação de psicólogos, psiquiatras, clínicos e orientadores específicos.

**Yuri** – O senhor acha que a relação que tem com os pacientes atualmente mudou por causa disso?

**Fernando Hugo** – Não. Já na época da faculdade, meus professores diziam que eu era um clínico nato. E eu gosto de conversar com os meus doentes. Percucientemente analisar, questionar e ir em busca de fazer o diagnóstico. Isso pra mim é orgásmico, dá um prazer imenso. Examinar um doente como eu aprendi há 35 anos atrás. De sorte que, hoje em dia, eu ainda continuo na atividade médica, no meu consultório em Messejana, aberto à população. E eu acho que deve ter alguma coisa diferente, que vem gente se consultar comigo de Pernambuco, do Pará, do Maranhão e já veio até gente de Minas Gerais.

**Geimison** – O senhor já falou do caráter humanista que a sua mãe tinha na pré-entrevista (*durante a produção da entrevista*). Também já criticou algumas pessoas da Messejana que iam fazer o curso de Medicina e depois não queriam atender a população local. Foram esses os fatores que levaram o senhor a essa prática da Medicina Humanitária, de atender gratuitamente a população do bairro? O caráter humanista da família e uma certa indignação com esses outros profissionais que não tinham esse desprendimento?

**Fernando Hugo** – Eu acho a primeira opção. Se é que existe algum cunho genético, que ninguém pode imaginar e nem há mapeamento pra se ver isso. A importância da mamãe como figura caritativa, humanista, é muito forte na minha percepção de cidadão crescido sob a tutela e a educação dela. Eu preferencialmente diria isso.

**Bruno** – E a partir de que momento o senhor começou a fazer esse atendimento gratuito?

**Fernando Hugo** – Desde a época que eu era aluno da faculdade. Sempre fiz. Interessantemente, depois de formado, uns amigos, e em especial o amigo Everardo Vasconcelos (*proprietário da Granja Soever*), montou praticamente uma clínica ali na praça central de Messejana. A clínica vivia mais cheia do que o Castelão em dia de Ceará x Fortaleza, mas o meu bolso vivia mais vazio do que o açude do Orós na seca de 58.



**Narjara** – A Medicina Humanitária começou antes da política, não é isso?

**Fernando Hugo** – Muito antes.

**Narjara** – Mas o senhor ainda é acusado de assistencialismo. O que é que o senhor avalia dessa...?

**Fernando Hugo** – (*interrompendo*) Olha, veja uma coisa. Eu acho que sou assistencialista, dentro da conceituação do termo assistencialista. Se querem me inserir como um político que faz esse tipo de ação naquela forma do toma-lá-dá-cá, deixe essa visão no vislumbre bestial daqueles que não me conhecem (*bate com o dedo na mesa várias vezes*). Lá no meu atendimento médico diário, com toda a minha equipe de advogados, de assistentes sociais, de pessoas que fazem o bem pelo bem, sem olhar a quem. Lá em casa nunca, com toda a intransitividade da palavra nunca, se pediu um título de eleitor. Nunca. Se acham que eu sou assistencialista, titulem-me desse jeito. Serei, mas não mudarei o meu jeito de ser pro meu povo.

**Janaína** – O seu amigo Paulo Afonso relatou pra gente uma história interessante. Ele falou que, certa feita, um empresário gaúcho chegou ao seu consultório, lá na (*avenida*) Antônio Sales, e o senhor se recusou a cobrar o serviço. Então, não é uma questão só de a população não ter dinheiro? É mais da natureza do senhor de achar que a Medicina tem de ter esse caráter...

**Geimison** – Não é uma coisa que se deva ganhar dinheiro com isso?

**Fernando Hugo** – Eu tenho uma visão extremamente objetiva do que é ensino público, principalmente, numa faculdade como Medicina. Você entra na faculdade, recebe do poder público tudo e mais alguma coisa de ensinamentos, de curso caro, caríssimo. Você sai de lá e nada fazer em troca? Eu acho um destempero. Eu acho até que, pasmem, certamente seria até uma ação ditatorial, que não passa nunca pela minha mente fazê-la, mas eu acho até que seria

Olavo falou da convivência familiar, deu mais detalhes de como foi para a família enfrentar a dependência de dolantina do irmão. Também contou histórias interessantes da infância de Fernando Hugo, como o discurso sobre o carvão – tema da última pergunta da entrevista.

Janaína Bras foi ao bairro de Messejana. Ela passou o dia por lá e conversou com a população para saber como o Dr. Hugo era avaliado. Muitos foram os elogios ao médico e deputado.

A conversa com Paulo Afonso ajudou a equipe a entender a trajetória médica de Fernando Hugo e, principalmente, a medicina humanitária praticada por ele. Na conversa também foi possível conhecer o início da trajetória política de Fernando Hugo.



obrigatório um profissional dar tantas horas por semana de trabalho gratuito, como recompensa do processo de formação. Eu não vejo nada de diferente disso. O indivíduo ser empresário, pobre, culto, analfabeto, toscamente educado, pra mim é indiferente. O ser humano é igual. Mas, certamente, o Paulo Afonso não deve ter se lembrado que eu disse pra ele (*o empresário*) que proporcionasse uma festa para a criançada lá da favela das (*estala os dedos pensando... bate na mesa ao se lembrar*) da beira do açude do Jangurussu, a favela do Parque Betânia. "Pronto, você pega o dinheiro da minha consulta, vai lá e faz uma festinha pros meninos." Saiu muito bem pra mim. Eu sou milionário sem ter riqueza nenhuma. Eu tenho um bicho chamado amizade, que eu encontro em todo e qualquer canto. Esse gerenciamento, muitas vezes, é feito por figuras que me admiram à distância. Grandes empresários daqui vêm nesse gabinete, não é só pela minha zoada de plenário ou de jornal, não! É porque sabem, vêm. Muitos ajudam o meu trabalho. Muitos chegam lá (*no consultório*) com caixa de remédio. "Quer ver, rapaz, vou lá dar isso aqui pro Dr. Hugo!". (*abranda*) É bom, não faz mal a ninguém, não. (*reflexivo*)

**Vinicius** – Deputado, falando nas amizades, a gente apurou que o senhor é popular na Messejana há muito tempo, muito antes de entrar na vida política. Como é que o senhor se sente com essa popularidade e em que isso mexe com a vaidade do senhor?

**Fernando Hugo** – Pergunta muito gostosa, boa! (*pausa*) Todo e qualquer ser humano, mesmo não vaidoso ou como eu que diz-se ser não vaidoso, fica alegre, satisfeito com o abraço, o tapinha nas costas, o aplauso, com o "oi, Dr. Hugo". Dia de domingo, desde a minha adolescência, frequento a feira de Messejana, onde frequentam 50-60 mil pessoas. Logicamente eu não vou pegar na mão de 50, 60 mil pessoas. Seria uma estupidez eu dizer isso. Mas é gostoso. Se eu saio à praia, vou ao cinema, ao estádio, principalmente depois da televisão aqui (*TV Assembleia*), essa popularidade mexe, induz um riso que extravasa a contratação labial e vem de dentro da nossa alma. É gostoso ser popular, e isso cria em nós, mesmo dizendo como eu que não sou vaidoso, uma vaidade.

**Geimison** – Como foi esse processo de resolver disputar uma eleição? O senhor tentou logo de cara esse desafio? Queria que o senhor contasse também como foi a primeira campanha eleitoral.

**Fernando Hugo** – Veja bem uma coisa. Eu falei há pouco que o vereador José Barros de Alencar era uma figura maravilhosa na vida política de Fortaleza, que saiu de Messejana. Ele faleceu em 1988. E a minha amizade com o filho dele, o Francisco José, fez com que nós participássemos de uma eleição, a de 88, para que ele disputasse, o Francisco José, a vaga deixada pelo pai dele. Infelizmente, ele não era do ramo político, e não deu certo. E passaram-se os dias, correram-se os meses, e de repente um grupo de amigos me foi visitar, em 1989, e propuseram que eu me candidatassem a deputado estadual, que a campanha de deputado estadual era em 1990. Eu até ri na ocasião, frente à condição inexistente de se bancar uma eleição, numa área como Messejana, para se tentar uma candidatura a deputado estadual. Ri, mas fiquei alegre por excelência, e eles disseram: "A condição de bancar a campanha é a tua popularidade, o teu bem querer com as pessoas". É esta aceitabilidade que há pouco vocês (*entrevistadores*) referendaram. E assim dito, assim feito. Enfrentamos a campanha e está aí, vocês estão me aturando até hoje.

**Geimison** – E como foram as dificuldades da primeira campanha eleitoral?

**Fernando Hugo** – Só um carro 'véi' Passat, que tanto andava pouco, como dava o prego. Uma vontade enorme. Os amigos de infância faziam reuniões quase que quarteirão a quarteirão. A população, muitas vezes, aprontava artesanalmente, no sentido maior da palavra, bandeiras, bandeirinhas, bandeirolas, adesivos e, desse jeito, criou corpo. Tivemos uma coligação, em que eu entrei filiado pelo Partido Liberal, com o Partido Social Cristão. E nós conseguimos ser eleitos com 7766 votos.

**Narjara** – Senhor deputado, o senhor é um crítico do PT, né?

**Fernando Hugo** – Começou a desconversar o negócio.

**Narjara** – Segundo o material que a produção apurou, seu irmão, o Olavo, disse que, na Messejana, o senhor recebe até votos de militantes do PT. Como é que o senhor explica isso?

**Fernando Hugo** – Na realidade, partido político no Brasil não existe. Com aquele fervor, aquela manifestação continuada de vibração pelo partido político, como eu imagino que um partido político deveria ser, untado de vibração contínua, onde as dores do partido fossem divididas desde a estrutura direcional até os mais simples e singelos militantes. O PT, quando criado, propôs-se a assim ser. Veio sempre avocando pra si de que eram os justos, os honestos da vida política do Brasil. E deu no que deu. Quando chegaram ao poder com a eleição de Lula da Silva, constituíram um conjunto de escândalos de corrupção, prevaricação, peculato, desordem administrativa, improbidade de todo o naipe, nunca, jamais antes existente na história das Américas, não é só do Brasil. O mais sujo de todos partidos políticos da história do Brasil é o PT. E desafio pra ponta do lápis todo e qualquer historiador a assim discutir e debater comigo. (*Leia a resposta do PT na página 91*)

17 de novembro de 2009. É chegado o dia da entrevista. Fernando Hugo brincou: "Sintam-se à vontade, perguntem tudo o que quiserem, responderei só o que eu quero". Apesar do aviso, ele acabou respondendo a tudo que foi perguntado.

**Narjara** – E os votos?

**Fernando Hugo** – Os votos surgem exatamente daquilo que existe enraizado n' alma, verdejante sempre, embora maduro de tempo, a amizade. Supera toda e qualquer visão política, partidária, ideológica, de religiosidade, enfim.

**Vinicius** – O senhor disse que foi incentivado pelos seus amigos a entrar na vida política pra ser para Messejana o que o José Barros de Alencar tinha sido como vereador. Dezenove anos depois, como é que o senhor avalia sua atuação parlamentar nesse sentido? O senhor acha que cumpriu essa tarefa?

**Fernando Hugo** – (pausa) Muito bem... Eu acho que cumpri. Eu acho, não, que esse negócio de acho é de quem não tem convicção. Eu tenho certeza que cumpri. Porque seria muito mais cômodo e muito melhor politicamente pro Fernando Hugo, se eu tivesse acostado-me a uma multidão de convites da época do doutor Juraci (Magalhães), prefeito de Fortaleza (em três mandatos: 1990-1992; 1997-2000 e 2001-2004); da época do doutor (Antônio) Cambraia, prefeito de Fortaleza (no período 1993-1996); e até recentemente de épocas, que eu não quero nem pronunciar o nome da atual desastrosa administração de Fortaleza. E eu sempre tive o meu pensar centrado em pessoas que dirigiram e dirigem o Estado do Ceará. Por isso, sem andar (bate com o dedo na mesa repetidas vezes) bajulativamente nas portas palacianas do Cambé de outrora e do Palácio Iracema de hoje (referindo-se às sedes do Governo do Estado), muito boa coisa em termos de saúde, educação e área social, eu consegui trazer pra Messejana. Foram sapatos e sapatos de soldados gastos. São quilômetros de chão andados que você olha pra trás e não enxerga mais nem a poeira. Porém, vale a pena. Se não sou tudo aquilo que imaginei, estou na busca de um dia chegar lá.

**Emília** – Deputado, o senhor é conhecido por ter um discurso exaltado, cheio de termos provocativos, de sarcasmo. É intencional (o discurso), é uma estratégia para que suas palavras repercutam na mídia?

**Fernando Hugo** – Não, porque fi-los sempre desde que cheguei aqui (na Assembleia). Só depois da era Marcos Cals (presidente da Assembleia Legislativa entre 2003 e 2006) que a televisão chegou aqui. Aqui na Assembleia, em tempos passados, antes da televisão mostrar a cara do Zé, da Maria, do Pedro, do Cazuzá discursando, dizendo que é santo, que vai pro céu (bate forte, duas vezes, na mesa), tinha dia de o presidente abria a sessão e dizer: "Deputado Fernando Hugo, quinze minutos pro seu pronunciamento", sem eu estar nem inscrito! Porque não tinha nenhum deputado inscrito. Se duvidas, pergunte ao Departamento Legislativo, eu não minto! Isso aí pode escrever com letras douradas: eu não minto! Hoje em dia, tem gente que dorme aqui, de rede armada, pra se inscrever cedo. É importante esse dado que eu disse aí. Se você disser, "Fernando Hugo, tinha gente que nunca falava aqui e hoje fala?" Muitos!

**Geimison** – Continuando a questão da oratória. Nela, há uma grande mistura de explo-

são, humor, sarcasmo e, principalmente, muita polêmica. De onde veio isso, da sua formação familiar ou se desenvolveu ao longo do tempo, influenciado por alguma outra pessoa que o senhor admirasse?

**Fernando Hugo** – Nunca houve influência de ninguém. Se você me perguntar (qual) o maior orador político da história recente do Brasil, (eu responderia) Carlos Lacerda (jornalista e político carioca, 1914-1977). Mas se você disser assim: "Fernando Hugo, tem algum pronunciamento – que o induziu a ser assim – sarcástico, polêmico, forte de falar do Carlos Lacerda?" Não. Até porque o que mais transfere isso é a visão e a audição; e nós não temos essa documentação do Carlos Lacerda. Porém, eu digo que o Carlos Lacerda é uma figura brilhante na vida política de plenário no Brasil... Essa sua pergunta me faz interrogar a mim mesmo, mas eu lhe digo uma coisa: quando cheguei, que comecei a me manifestar aqui, sempre foi do mesmo jeito. Eu até acho que, nos últimos tempos, tenho melhorado. Porque, sem ser omisso nem conivente com os erros, eu já não detenho-me mais a criticar reiteradamente, por exemplo, esse desastre caótico e infernal da administração de Linda Lins da Fortaleza horrorosa.

**Geimison** – Mas essa sua forma de se expressar começou após a entrada na Assembleia ou o senhor é assim também com a família, com os amigos?

**Fernando Hugo** – Não, não, não. Eu sou um homem comum, normal, de conversar com os filhos, com os amigos, na troca de afinidades, intimidades, e num trato isonômico de falar com todos. No plenário, eu me entusiasmo. Não entendo como se é político-parlamentar, e não se bota amor na fala, não se defende um ponto de vista com vibração.

**Janaina** – O senhor se arrepende de algum discurso vibrante que descambou do bom senso?

**Fernando Hugo** – Já, já, já. Algumas vezes aqui a ignorância trazida pela adrenalina fez com que eu tenha sido grosseiro, agressivo na individualidade da pessoa. É diferente você discursar criticando o Tribunal de Contas do Município (por exemplo) e (é) bastante diferente você dis-

---

**"A importância da  
mamãe como figura  
caritativa, humanista,  
é muito forte na  
minha percepção de  
cidadão crescido sob  
a tutela da educação  
dela"**

---

Fernando Hugo se identificou rapidamente com o Bruno Falcão, mais conhecido por nós como Tapioco. É que um sobrinho do deputado, já falecido, filho de Olavo Colares, também se chamava Bruno.

Além do Tapioco, o deputado tentou interagir com todos. Perguntou se o nome da Narjara era indiano; brincou com a Denise, pois ela se manteve calada até fazer sua primeira pergunta: "Ela fala!". Sobrou até para o professor Ronaldo Salgado, postado atrás dos alunos na sala: "O bom general, na guerra, não se atira ao combate não, ele vai mandando os bestas!".

Fernando Hugo tem jeito de professor. Fala como se fosse um mestre em sala de aula. Se fala sobre seis lugares diferentes do Ceará, desenha círculos imaginários no papel, como se visualizasse o que está sendo dito e confirmasse contando: são seis.

cursar criticando o Zé ou a Maria lá do Tribunal de Contas do Município. Na personificação de usar o plenário para crítica, eu 'tô' fora. E isso a gente vai aprendendo com o envelhecer do errar. Tenho bem vivas duas lembranças horrosas (*de coisas*) que fiz no plenário. Mas, interessante, no imediatismo do mesmo dia corrigi uma, pedindo desculpas, que eu acho que não é um ato que desumanize qualquer homem, pelo contrário, faz crescer; e um ou dois dias depois pedi desculpas a outro.

**Vinicius** – O que detona a explosão do seu temperamento?

**Fernando Hugo** – A mentira (*bastante enfático*). A mentira me deixa ruborizado por dentro e por fora. Eu não consigo fazer política no eito maledicente da mentira, da falácia, da enganação. Isso me tonifica, me vitaminiza a ir ao plenário, às comissões, a todo e qualquer debate com uma força que penetra pelos meus poros de forma dominante, e me faz falar alto, fazer com que proponha ações fortes. A mentira me tira do sério. Por isso, de novo, outra vez, novamente, eu venho à história do PT. O PT, com a alma lavada e enxugada – como dizia Odorico Paraguaçu (*personagem da ficção criada pelo dramaturgo Dias Gomes*) – de mentiras, fez o que fez. Daí a minha rejeição, do partido, não das pessoas.

**Yuri** – Sobre esse seu discurso que é sempre rico com as palavras... Enfim, acredito que o senhor deve fazer muita questão de enfeitá-lo. Mas o senhor não acha que todo esse vocabulário seu, de certa forma, não se distancia da maior parte da população que não tem acesso a uma educação melhor? Como é o seu método para preparar esses discursos?

**Fernando Hugo** – Não, porque muitas vezes eu até crio neologismos. Sem programação nem nada, e de repente eu desço e me dirijo de uma forma extremamente (*falando sílaba por sílaba*) comunicativa. "Fernando Hugo, é programado?" É não. É porque quando eu quero açoitá-lo português pra que o Zé Mané lá do cabaré da Chica do Babau (*batendo na mesa repetidas vezes*) em Messejana perceba o que eu estou falando, eu falo. Eu só preparei um discurso na minha vida, que foi até redacionado pelo Fernando Pontes, que é jornalista. Foi o primeiro discurso meu na Assembleia. Foi o maior desastre que eu já vi na minha vida. Eu não sabia ler e olhar pra o povo. Abandonei (*os discursos preparados*). Não tenho lembrança de preparar um pensar. Que é que acontece? Hoje, eu estou descendo para o meu atendimento (*no consultório*) às 4:45h da manhã, o menino disse: "Olha o jornal aqui".

No gabinete há uma charge emoldurada em um quadro. Nela, Fernando Hugo dá uma bronca no presidente Lula por não providenciar a energia necessária para mover a siderúrgica que vai ser instalada no Pecém, município do litoral do Ceará. Fernando Hugo aparece com a face avermelhada e com um chapéu de couro semelhante ao de Lampião.

Olho, digo, poxa, o assunto do Tribunal de Contas da União. Cheguei aqui e disse: "Dedé (*Dedé Nogueira, assessor parlamentar de Fernando Hugo*), arranja um jornal". E vou pra tribuna. E lá, muitas vezes sem nem ter tido tempo de ler os textos dos jornais, mas pegando a matriz, o núcleo central da coisa, eu faço (*o discurso*).

**Narjara** – Sobre as denominações que o senhor dá a alguns políticos, como a prefeita de Fortaleza, que o senhor chama de Linda Lins. Já gerou algum problema? Alguma pessoa já veio falar com o senhor sobre isso?

**Fernando Hugo** – Bem, a história da Luizianne Lins comigo aqui na Assembleia... Ela foi vereadora, eu não fui. Ela chegou aqui deputada, pessoa brilhante, questionadora, intrigantemente inteligente, dona de uma percuciência de buscar as coisas, de buscar o correto, de sugar todos os erros de qualquer administração e jogá-los ao espaço sideral. Aí, ganha eleição pra prefeita e faz presente esse desastre comportamental, administrativo, cheio da incúria, irresponsabilidade, pobreza administrativa; e milionário, bilionário de mentira, enganações e fantasias para o povo de Fortaleza. Eu achei por bem citar, então, Linda Lins – que ela pra mim fisionomicamente é uma pessoa bonita de rosto –, Linda Lins de Fortaleza horrorosa, contrapondo-se aquele negócio que ela estampa por aí nos 'outdoors' – a propaganda Fortaleza Bela. Mas isso nasceu ali numa fala de plenário e de repente pegou. E foi pra a imprensa, e daí, hoje em dia, se você não me disser que o nome da prefeita é Luizianne Lins, é capaz de eu achar que é Linda Lins mesmo. E eu acho que ela não deve ter raiva de ser chamada de Linda, não; e Lins é o sobrenome da família.

**Denise** – Deputado, fazendo um paralelo entre seus dois ofícios, de médico e de político, como é que uma coisa influenciou na outra?

**Fernando Hugo** – Uma é maternal e paternalmente dona da outra. A Medicina é que me fez popular. O contato diário com dezenas e, em algumas ocasiões, até centenas de pessoas que procuravam: "Dr. Hugo, veja isso aqui, resolva isso aqui", coisas paramédicas. Por isso que a Medicina pra mim é o albergue que recebeu a política, que já existia, talvez silente, mas bem presente em mim.

**Mariana** – Deputado, o senhor citou que se orgulha de não ter enriquecido com a política...

**Fernando Hugo** – (*interrompendo*) Eu não me orgulho não. Se você arranjar um jeito de eu enriquecer, é já que eu quero (*risos de todos*). Se eu disse isso aí, é bom corrigir porque isso é uma hipocrisia (*o deputado disse isso na pré-en-*

---

**"O mais sujo de todos os partidos políticos da História do Brasil é o PT. E desafio pra ponta do lápis todo e qualquer historiador a assim discutir e debater comigo"**

---

*trevista*). Eu me orgulho de não ter enriquecido, não. Eu me orgulho de ser um homem rico de amizades, de bem estar. Sem dúvida alguma, a riqueza de bens materiais que eu não tenho não foi por falta de oportunidades. Foi, muitas vezes, porque alguns costumes da minha formação fizeram com que eu não os buscasse.

**Mariana** – E falando um pouquinho disso, alguém já tentou corromper o deputado Fernando Hugo?

**Fernando Hugo** – Por isso que eu não sou rico.

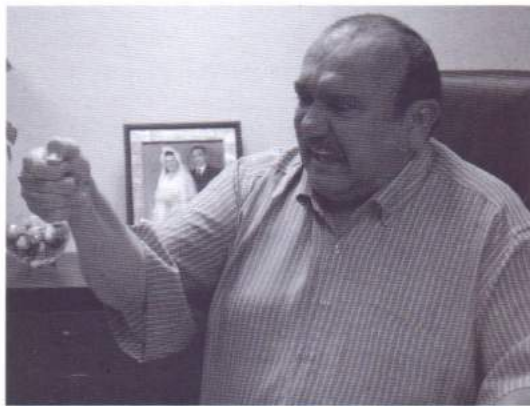
**Emília** – O senhor se descreve como uma pessoa emotiva e explosiva. De alguma forma o senhor teve de mudar a personalidade pra se preservar, a partir do momento que passou a ser uma pessoa pública?

**Fernando Hugo** – Não. Sempre fui emotivo, de choro fácil e de consternações fáceis de serem encontradas. Quando os momentos duros e difíceis dos meus familiares e amigos, ou mesmo de outros, exigem essa procedência de comportamentos. Isso é tão presente que eu não mudei, sequer, o meu comportamento de vida, a minha localização de habitação, nem a minha maneira de relacionar-se aqui na Assembleia. Sou emotivo, sei; sou explosivo, consciência plena tenho. Porém você nunca vai me ver ser explosivo num discurso no plenário e depois eu guardar ódio, rancor porque o Zé ou a Maria pensaram diferente e contrapuseram-se a mim.

**Vinicius** – Deputado, quem são esses personagens, Zé Pitoco, Chica do Babau, são criados pelo senhor?

**Fernando Hugo** – Isso aí tem criado problema, viu? Problemas bons. O Zé Pitoco e a Chica do Babau apareceram em pronunciamento, que eu nunca, com toda justeza de caráter lhes digo, nunca programei. (*pensando*) “Rapaz, vou criar isso aqui!” Até porque não sou escritor, não tenho visão criativa pra ser escritor. Mas o grande culpado da existência, pra mim, brilhante, do Zé Pitoco e da Chica do Babau foi o petismo chegar ao poder. Eles nasceram nos meus pronunciamentos depois do senhor Lula da Silva chegar ao poder e fazer tudo diferente do que se poderia imaginar. O Zé Pitoco, na minha concepção, é aquele que critica comportamentos absurdos, criados pelo Governo Lula primordialmente, que se contrapõem a tudo que eles diziam antes. Esse é o Zé Pitoco. Um bêbado que filosofa quase sempre no cabaré (*da*) – essa sim, mal-educada, explosiva, deselegante e deseducada – Chica do Babau, que quando está embriagada, rasga o palavrório mais açoitativo contra o canelau (*gíria cearense para pessoas pobres de finanças e/ou de espírito*) do PT. E isso, aqui e acolá, fere alguns dos deputados petistas que ainda têm coragem de falar nesse partido que já morreu.

**Narjara** – O senhor, em entrevista à equipe de produção, fez uma crítica ao PSDB, seu partido, por não saber fazer uso do populismo. Entretanto Messejana inteira conhece o senhor, o senhor diz que vai à feira, atende (*como médico*) a população gratuitamente. O senhor se acha uma exceção do partido?



**Fernando Hugo** – Preste bem atenção. O PSDB não soube popularizar-se. Pela administração vitoriosa, o PSDB era ainda para ser o partido que mandasse na administração do Estado. Eu, como tucano vibrante que sou hoje em dia, acho que esse foi o grande erro. Eu critico bastante o PSDB pela forma de não entender que o povo precisa ter um contato constante com aqueles que, mítica ou idolatricamente, passam a admirar. O fenômeno Tasso Jereissati é tão grande hoje em dia que lembra assim um Padre Cícero. Vá em qualquer grande cidade do Interior acompanhado do senador Tasso Jereissati e você vai ver gritos que mostram, na presença do tempo atual, aquelas moçoilas que desmaiam quando viam os Beatles ou Rolling Stones na década de 70. Eu estou citando o Tasso porque ele emblematiza a maior liderança tucana. E isso faltou ser distribuído popularmente.

**Geimison** - Deputado, o país vive uma grave crise política de representatividade. A maior parte da população acha que os políticos não estão atentos com seus desejos ou anseios. Eu pergunto: o que o senhor acha que precisa mudar na política brasileira pra que a população possa vir a confiar nos políticos?

**Fernando Hugo** – Adoro dizer que sou político, não tenho vergonha. No período de administração dos militares, que a historiografia bestial de alguns resolveu chamar de ditadura militar – eu prefiro dizer regime de administração dos militares com voto –, não existia ou era mínima a corrupção. O que se vê hoje em dia é aquela política desmoralizada, porque diariamente nós deparamos com escândalos. Por isso, o desgaste dos políticos no Brasil se faz bem presente. É muito difícil (*ouvir*), mesmo (*vindo de*) pessoas rudes: “Todo político é igual”. Quando se sabe que não é. No todo, o desgaste existe por causa dos constantes atos de corrupção que são mostrados e, principalmente (*silaba por silaba*) – não estou defendendo os políticos, não –, porque a Justiça não tem ações rápidas, punitivas e severas.

**Narjara** – Deputado, o senhor citou a época da ditadura militar, que o senhor prefere denominar regime militar, não é isso?

**Fernando Hugo** – É uma sinonímia. Mas sempre deixando claro que ditadura na minha concepção, não pode ser passada para população como uma ditadura comparativamente com a de Fidel Castro (*em Cuba*), de Mao (*Tsé Tung*,

Também ornam a parede do gabinete os diplomas dos cinco mandatos consecutivos como deputado estadual, cuidadosamente emoldurados em cores diferentes; e as fotos de família, incluindo mulher e filhos – único assunto vetado pelo deputado.



Sobre a mesa do alvinegro Fernando Hugo, um boneco trajando o uniforme do Ceará assando um leão, mascote do time do Fortaleza. Segundo o deputado, o adorno é bem anterior à atual boa fase do Ceará, na primeira divisão, e má fase do Fortaleza, na terceira divisão.

Dentro da oratória 'hugueana', existem expressões que repete o tempo todo: "De novo, outra vez, novamente"; "A tudo e a todos". Ele define a própria retórica como "logorreia". O deputado adora advérbios e, de vez em quando, conecta-os a adjetivos construindo pérolas tais como "extremamente adrenalinizado".

na China), de (Josef) Stálin (na União Soviética), não tem como comparar.

**Narjara** – O senhor considera que a ditadura militar fez mais bem do que mal para o país. Por que o senhor acha isso?

**Fernando Hugo** – Embora eu tenha tido parentes que sofreram por pensar ideologicamente diferente do Regime Militar, eu, numa análise fria que faço, digo e chamo pro debate: talvez tivesse sido muito pior se aqueles planejamentos de verdadeiras intencões comunistas, que iriam eclodir àquela época, tivessem vencido no Brasil. Primeiro, a mortandade teria sido muito maior, traria pro cárcere muito mais gente. Segundo, se você bem observar a administração militar, o Brasil cresceu, progrediu e criou uma forma de administrar com execuções de grandes obras. Está aí a Itaipu, a Ponte Rio-Niterói. Na parte de educação, o MobraL [que foi movimento de alfabetização do Brasil (a sigla significa Movimento Brasileiro de Alfabetização)]. Pegue os dados estatísticos de educação do que era o Brasil: analfabeto (sílabas por sílabas). E a ditadura, ou Regime Militar, criou condições diferentes.

**Janaina** – O senhor se considera um conservador?

**Fernando Hugo** – Vixe, Nossa Senhora. Sobre o que, e de que forma essa pergunta pode ser respondida. No geral?

**Janaina** – Moralmente falando.

**Fernando Hugo** – Eu sou um moderado. Mas conservador, na conceituação do que pode cair no reacionário, nem pensar. Mas eu sou um moderado conservador. Conservador da forma como fui educado, cristianizado, da maneira com que aprendi respeitabilidade a outrem. Porém, é bom que se frise que isso não me atormenta. O que me deixa extremamente adrenalinizado é quando me chamam de reacionário. Reacionário na minha ótica é o indivíduo que fechou os olhos, não evoluiu, mora em um passado onde exala nos atos tudo que é um medievalismo de comportamentos. Isso pra mim tolhe toda a minha paz, me chamar de reacionário. Agora, conservador moderado eu sou.

**Vinicius** – Deputado Fernando Hugo, por que o senhor vai todos os domingos à Feira de Messejana e o que o senhor aprende lá?

**Fernando Hugo** – A Feira da Messejana eu frequentava na adolescência acompanhado do meu pai. Dominicalmente, ele comprava feijão verde, maxixe, quiabo, macaxeira, carne de ótima qualidade. E foi nesse frequentar o mercado que eu conheci figuras que, ainda hoje, (algumas) nos saúdam com alegria. Marchantes como o Cazuza, o finado Zé Pezim, o Mário. Pessoas que vendem merendas como caldo, panelada, buchada, sarrabulho. A feira é um abraço aberto de mãe pra se discutir, pra se debater. Isso fez com que eu viciasse-me a estar na feira, entre seis e sete horas da manhã, e andar de barraca em barraca, comprar o queijo bom, comprar o feijão verde e conversar. Lá você encontra desembargador, juiz, delegado, professor. O acadêmico mais graduado e até o Zé Pitoco e a Chica do Babau, que estão muitas

vezes lá me esperando.

**Janaina** – O Bêbados e Melados tinha um goleiro que agarrava muito.

**Fernando Hugo** – (risada convicta do deputado) Esse povo está com fome! (risadas convictas de todos)

**Janaina** – O senhor ainda joga futebol?

**Fernando Hugo** – Não, hoje em dia, mais não. O Bêbados e Melados, nosso time de futebol, participava com grandes jogadores!... Existia um campeonato lá em Messejana, onde participavam 15, 20 agremiações, quase sempre de famílias. Era um negócio bastante consorciado com o esporte pelo esporte, embora as competições fossem acirradíssimas. O Bêbados e Melados ganhou dois campeonatos. Eu era o goleiro, coisa que levei do futebol de salão, que aprendi a jogar na seleção do Colégio Cearense. Era coisa pra caramba!

**Narjara** – Como é que surgiu esse nome do time: Bêbados e Melados?

**Fernando Hugo** – Porque existia aquele conjunto que o Ney Matogrosso cantava, os Secos e Molhados. E, na criação do time, passou na mente de um tal de Fernando Hugo botar o nome do time. Eu disse: "Rapaz, bota os Bêbados e Melados! Assim faz o contraponto com os Secos e Molhados". E foi aceito pela curriola toda. E nós jogávamos e participávamos de jogos fora de Fortaleza. Era gostoso. Óbvio e logicamente fica a saudade do tempo, mas hoje em dia eu não tenho a audácia irresponsável de me cadastrar, sequer, a passar perto de uma trave de futebol (risos).

**Vinicius** – Então os atletas não entravam em campo com um combustível extra, não?

**Fernando Hugo** – Quase sempre (risos). Tomava uma ou duas cervejas. Alguns não bebiam, mas o goleiro era preciso estar voltado no sentido mirabolante da palavra. Mas era tudo familiar, e quase sempre o jogo chegava ao término sem nenhum ato de percalço de violência – coisa rara nos campos e nas quadras de esporte hoje em dia.

**Geimison** – Por que o médico Fernando Hugo detesta ser chamado de clínico-geral?

**Fernando Hugo** – (risos) Clínico-geral é quem desentope pia, arranca parafuso, conserta motor de arranque, sobe em escada, apanha fruta, consulta, dentre outras coisas. Faz parto, costura dedo de menino cortado. Isso é uma terminologia sertânica por natureza que nós, médicos internistas, clínicos-médicos, que amamos a Medicina de qualidade clínica, temos pavor. Clínico-geral é pra aquele médico do sertão de outrora, que fazia tudo e essas peraltices que eu citei agora.

**Janaina** – Deputado, depois de todo esse nosso passeio, tanto pela Medicina como pela Messejana e pela política, eu queria que a gente voltasse ao começo da entrevista. O seu irmão Olavo nos contou um fato interessante sobre quando o senhor tinha por volta de cinco anos. O senhor subia num tamborete e discursava sobre a falta do carvão: "O Brasil tem que resolver o problema do carvão. Enquanto não resolvermos o problema do carvão, este país não vai

Mais uma pérola: uma rusga entre Fernando Hugo e o então deputado estadual João Alfredo. João criticava as administrações Tasso Jereissati e Fernando Henrique Cardoso. Aí Fernando Hugo disse: "Deputado João Alfredo, essa sua conversa já encheu demais. Você está igual a cururu de beira de pote. A gente chuta com a vasoura e lá vem você de novo".

para frente". Hoje, o senhor, já homem formado, feito, político, médico, olhando tudo que se passou na sua vida, que reflexão o senhor faz sobre aquela criança em cima do tamborete?

**Fernando Hugo** – É interessante o Olavo lembrar isso porque, na realidade, era bem costumeiro, principalmente nas manhãs de almoços dominicais, quando a família estava bem reunida, e os meus tios, dentre eles o poeta Otacílio Colares, insultavam-me verdadeiramente pra eu, na bestialidade pura, na forma infantil mais pueril que se possa imaginar, me trepar naquele tamborete e ali, num palavrório destemperado e sem uma calcificação que mostrasse uma linha, falar sobre coisas desse tipo. Como o Olavo se lembrou aí do carvão. Eu acho que se tem alguma coisa que se transporta da infância pra a adultice... *(com a voz ligeiramente embarcada)* Eu fiquei emocionado porque eu estou me lembrando de como era engraçado essa coisa que só uma criança pode fazer. Tão besta e tão infantil, mas todos aplaudiam e riam daquela minha maneira de falar... O Olavo tem uma memória espacial! *(risos)* É por isso que ele é tido como um professor diferenciado! Esse cara foi se lembrar disso *(soquinho na mesa)*... Mas era assim, de uma forma bem pueril. Acho que, sem percepção, isso transportou-se no tempo e hoje em dia eu brigo pelo carvão da refinaria que o Lula não manda *(risos gerais)*.

**Resposta do presidente do Partido dos Trabalhadores (PT) no Ceará, Ilário Marques:**

O PT ao longo dos trinta anos de existência mostrou-se um partido democrático, com prática política diferente do conservadorismo político que sempre teve no patrimonialismo a sua marca. O PT tem um projeto para o Brasil e este projeto está em curso no governo do presidente Lula, cujos resultados apontam para uma revolução no campo social, além de projetar o Brasil com potência e uma das cinco maiores economias nos próximos anos. Além do mais, foi exatamente no governo Lula que mais ocorreu combate as redes de corrupção através de dezenas de operações da Polícia Federal. Os ataques do deputado Fernando Hugo, além de desqualificados, revelam o quanto o PSDB está sem discurso e envergonhado de seu projeto executado na era FHC.



Na entrevista, o momento mais tocante, na opinião da maioria dos entrevistadores, foi aquele em que comentando sobre o fato de não ser rico financeiramente, Fernando Hugo se orgulha da maior riqueza, as amizades: "É bom, não faz mal a ninguém, não".